



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Nordeste é outro business** **A relação migrante-nordestino e lógica imperial<sup>1</sup>** **no documentário Passageiros**

Mariana Baltar

Mestranda no programa de pós-graduação em Comunicação, Imagem e  
Informação

*Universidade Federal Fluminense / UFF*

### *Resumo:*

Este artigo quer pensar o papel e lugar relegado ao Nordeste e ao Nordesteiro nas correlações de força que, politicamente, empreendem um esforço para inserir o Brasil no cenário contemporâneo. Tal cenário se apresenta a partir da lógica e da soberania imperial – como indica a reflexão desenvolvida por Hardt e Negri no livro *Império*. Para tanto, escolhemos como objeto de análise o documentário *Passageiros*, realizado em 2000 para integrar a série “6 Histórias Brasileiras” veiculada pelo canal GNT.

### *Palavras-chave:*

*Nordeste*

*Biopoder*

*Cinema Documentário*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

"O imaginário não é irrealidade, mas a câmara de produção da realidade por vir. (...) Cuidar (tratar) do imaginário não é portanto um dever separado da política, uma atividade pouco concreta. É o foco da ação contemporânea"

*Apostila da oficina "Resistência/Criação", no  
II Fórum Social Mundial, 2002.*

"Ao lado do poder há sempre a potência. Ao lado da dominação há a insubordinação. E trata-se de cavar do ponto mais baixo. E o ponto mais baixo é lá onde as pessoas sofrem"

*Toni Negri*

"A uma se diz cal viva: a uma, morta: uma, de ação até o ponto de ativista, passa de pura a purista e daí passa a depurar (destruindo o que purifica). E uma, nada de purista e só construtora, trabalha apagadamente e sem cronista: mais modesta que servente de pedreiro, aquém de salário mínimo, de nortista."

*João Cabral de Melo Neto*



## Introdução

Este artigo quer pensar o papel e lugar relegado ao Nordeste e ao Nordestino nas correlações de força que, politicamente, empreendem um esforço para inserir o Brasil no cenário contemporâneo. Tal cenário se apresenta a partir da lógica e da soberania imperial – como indica a reflexão desenvolvida por Hardt e Negri no livro *Império* (2001). No livro, os autores pensam o contemporâneo inspirados nas formulações de Gilles Deleuze para o que chama *Sociedade de Controle*.

O percurso vai de Foucault a Deleuze, pensando as configurações atuais dos mecanismos de poder. Voltaremos a esses conceitos no decorrer do artigo, por hora é preciso deixar explícito que não buscamos respostas à hipótese formulada a partir de análises das políticas públicas, das relações de migração, da busca da identidade nordestina... A análise se debruçará em um documentário produzido para o canal de TV a Cabo GNT (Sistema Globosat). É no cinema que podemos, como em outros objetos, encontrar os mecanismos de saber-poder (biopoder, biogoverno, como veremos) e enxergar as perguntas e respostas.

É Foucault quem inspira esse movimento. No primeiro volume da *História da Sexualidade*, quando explicita seu método, o autor formula o que norteia sua análise, conceituando sua noção de poder e dispositivo, expondo o que compõe sua analítica do poder: “Por que reduzir os dispositivos da dominação ao exclusivo procedimento da lei de interdição? (...) é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável” (Foucault, 1979:83).

Com essa concepção como horizonte, Foucault vai “analisar a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas em termos de poder.” (Idem:88), que é entendido como o que atravessa e constitui os sujeitos (sujeitos em relação). Multiplicidade de correlações de forças, jogo de estratégias e mecanismos que toma corpo nas relações entre sujeitos. O poder não é então algo que se possui, mas se exerce a partir de diversos pontos e em meio a relações desiguais e móveis. São relações imanentes de outros tipos de relação onde não há uma oposição binária entre dominados e dominadores (exatamente porque são forças múltiplas).

Propondo tal analítica, Foucault situa entre suas regras metodológicas a seguinte proposição: *Regra da polivalência tática dos discursos*. O discurso não é uma mera projeção das relações de poder, é nele mesmo que os mecanismos de poder e saber atuam. E mais, é preciso pensar múltiplos elementos discursivos e estratégias diferentes (dispositivos) de constituição do saber-poder. É



preciso perguntar aos discursos como eles “funcionam” e que correlações de forças operam em suas práticas discursivas e em seus dispositivos.

O cinema documentário está na ordem do discurso. Nele – como dispositivo – funciona o binômio saber-poder, com estratégias diferenciadas, com papéis diferenciados a partir da formação histórica e discursiva do filme. Um documentário contemporâneo sobre a migração atua na constituição do imaginário que indica o lugar do nordestino, sobretudo na figura do migrante, frente a lógica imperial. Tal lógica se constitui como uma mudança nas formas e práticas da soberania moderna dos Estados-nação: “unidos por uma lógica ou regra única. Esta nova forma global de economia é o que chamamos de Império. (...) O objetivo de seu governo é a vida social como um todo, e assim o Império se apresenta como uma forma paradigmática de Biopoder” (Hardt e Negri, 2001:12 e 15). Se seguirmos a inspiração foucaultiana, partiremos do pressuposto que os mecanismos contemporâneos de saber-poder estão no discurso fílmico, assim como estão em outros dispositivos da vida social.

É mais importante ainda pensar tal análise considerando que o filme em questão está classificado como um documentário. Não porque se acredita ser o documentário um extrato do real elevado ao estatuto de verdade<sup>2</sup>. Mas porque partimos de uma constatação: que, para a sociedade, o estatuto do documentário é o de evidência do mundo, que o habilita para ser um discurso sobre o mundo histórico que compartilhamos.

Alguns teóricos do campo de reflexão sobre o cinema alinham o documentário aos discursos de sobriedade (embora não exatamente um “igual” dentro deste universo). Saberes, como os da ciência, economia, política, educação..., que constituem uma autoridade de dizer sobre o mundo. O que também se configura enquanto poder, se pensarmos em termos foucaultianos<sup>3</sup>. “Discursos que são de sobriedade pois consideram sua relação com o real como direta, imediata, transparente. Através dele o poder se exerce.” (Nichols, 1991:4).

Embora apresente uma couraça de inclusão, possibilidades globais de relações multiculturalistas, superação das práticas colonialistas; a lógica imperial produz sua *cambada* de excluídos. Mas o faz através de um mecanismo diferenciado de exclusão que quase não parece exclusão. Na verdade, é possível falar em uma inclusão controlada – incluídos são os que seguem os

---

<sup>2</sup> Para desconstruir e analisar adequadamente esse argumento tradicional na reflexão sobre o documentário, remeto ao trabalho do pesquisador Bill Nichols sobretudo no livro *Representing Reality* (1991)

<sup>3</sup> Roberto Machado, analisando o pensamento de Foucault, lembra: “todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber” (1993:xxi)



modos de vida social imperial, diferentes formas de inserção. Todos terão lugar se desempenharem apenas os seus papéis estabelecidos.

Como a premissa que orienta nossas reflexões não busca as dualidades ou causas, é preciso ainda que se ressalte: quando expomos a questão da inclusão controlada e empreendemos tal análise, não estamos procurando “culpados”. Estamos buscando mapear as correlações de forças que são, como diz Foucault: “intencionais e não subjetivas” (1979:90). A noção de intencional vem da idéia de que o poder se exerce com metas e objetivos, mas nunca como uma escolha de um indivíduo ou como pressuposto de causalidade. Desvelar os dispositivos do saber-poder que governam as relações é uma das possibilidades de resistência.

Nesse sentido, vale a inspiração do prefácio de Hardt e Negri: “O Império com o qual nos deparamos exerce enormes poderes de opressão e destruição, mas isso não deveria, de modo algum, nos deixar saudosos das antigas formas de dominação. (...) Nosso desafio político, tentaremos demonstrar, não consiste simplesmente em resistir a esses processos mas em reorganizá-los e canalizá-los para novos objetivos.” (2001:15)

### (Bio)Poder e lógica imperial

“As vidas humanas são injetadas e revestidas, de diversas formas, pelos saberes e pelos poderes que configuram uma determinada época.”, escreve Paula Sibília. (2002). O que resume em grande parte a preocupação que norteia trabalhos como o empreendido por Michael Hardt e Antonio Negri (2001). A reflexão dos autores sobre a lógica do Império é no fundo o desvelar da rede de saberes e poderes que organizam (governam, gerenciam) a contemporaneidade.

A inspiração é no conceito de Biopoder desenvolvido por Michel Foucault a partir de *História da Sexualidade*, onde se vê um desmonte da idéia do poder repressivo. Para se entender tal proposta é preciso perceber que a concepção de poder não está ligada apenas ao âmbito “jurídico-discursivo”, idéia presente tanto na teoria da lei quanto na temática da repressão, onde o conceito de poder diz respeito à interdição, censura e negação. Mecânica de poder pela negatividade, em que ele é algo que se possui ou não, atuante por relações binárias de lícito ou ilícito.

O que a noção de poder de Foucault instaura é a concepção de “positividade”. O poder é, então, entendido como o que atravessa e constitui os sujeitos. Multiplicidade de correlações de forças, jogo de estratégias e mecanismos que toma corpo em instituições, aparelhos estatais e



sobretudo nas relações entre sujeitos. Não é então algo que se possui, é algo que se exerce a partir de diversos pontos e em meio a relações desiguais e móveis.

Como correlações de forças múltiplas, o poder passa de uma ação sobre os sujeitos para uma ação sobre a vida. Gerenciar, governar e organizar a vida, disciplinando corpos e subjetividades a partir de mecanismos (dispositivos) de funcionamento que determinam padrões de normal e patológico. “Tais mecanismos apontavam para o disciplinamento dos corpos individuais e eram implementados nas instituições de confinamento (escolas, fábricas, hospitais, prisões), voltadas para a internalização da vigilância através das punições normalizadoras, do esquadramento do tempo e da distribuição dos corpos no espaço. Apoiados nos saberes das ciências humanas — com suas técnicas de confissão, observação e exame—, tais procedimentos disciplinadores tinham como meta aumentar a força útil dos corpos individuais por meio do treinamento minuciosamente organizado, da docilização dos corpos e da domesticação das almas.” (Sibilia, 2002).

As análises de Foucault estavam amplamente embasadas no processo de consolidação da sociedade industrial mas já apontavam para a reflexão sobre a atualidade. É o que resgata o trabalho de Vieira Calliman (2002): “Ao analisar as relações inseridas em sua dinâmica, o autor antecipa que seus efeitos tendem a se intensificar e perpetuar nas sociedades atuais ainda que com outras formas e métodos.”. É Deleuze (1992), especialmente no ensaio do início dos anos 90, quem aponta como funcionam os mecanismos de poder na contemporaneidade.

A partir de Foucault e Deleuze, uma linhagem de autores se dedica a pensar, em diversos âmbitos e aspectos, o funcionamento do biopoder<sup>4</sup> no panorama contemporâneo, entre eles está Hardt e Negri. Nesse artigo escolho centralizar a base teórica na obra dos dois (Império, Record, 2001) porque entendo ser tal livro o mais interessante compêndio dessas reflexões.

A tese de Deleuze é que as redes de poder foram de tal modo intensificadas e sofisticadas que estão pulverizadas em redes flexíveis e flutuantes, modulares. Não mais o confinamento, mas a vigilância ao ar livre. As instituições que balizavam a chamada sociedade disciplinar entram em crise a partir de mudanças na configuração do capitalismo. Uma nova lógica, descentralizada, modular, digital entra em órbita. instaurando uma sociedade mundial de controle – ou como propõe Hardt anos depois, uma sociedade *imperial* de controle.

---

<sup>4</sup> No artigo uso a denominação Biopoder em detrimento de suas variantes, tais como biopolítica ou biogoverno, porque entendo que este conceito, como proposto por Foucault, dá conta dos movimentos de gerenciamento da vida. Nesse sentido, conferir dissertação de Vieira Calliman, 2002.



Para Hardt e Negri (2001), o Império é a forma paradigmática de Biopoder no contexto contemporâneo. O termo, ressaltam os autores logo no prefácio do livro, não é uma metáfora: “apresenta-se não como um regime histórico nascido da conquista, e sim como uma ordem que na realidade suspende a história e dessa forma determina, pela eternidade, o estado de coisas existentes” (Idem:14). A proposta do Império é um governo sem fronteiras, uma outra concepção de soberania para além dos Estados-nações (o que constituía o tradicional conceito de soberania moderna). A proposta de governo também é outra; governo quer dizer gerenciamento de vidas – de todo o corpo social que busque se inserir na lógica imperial. Governo como biopoder.

Dois são os vetores apontados como os principais dispositivos contemporâneos de biopoder: saúde (e com ela as tecnologias genéticas)<sup>5</sup> e o modelo empresarial (a cultura do business). Ambos, é claro, são transformados em mercadoria, em valor de consumo; pois esse é o grande movimento da lógica imperial. “Na dinâmica contemporânea do biopoder, as empresas assumem certas funções de importância vital que antes eram responsabilidade exclusiva das instâncias públicas, interpelando os corpos e as subjetividades com a linguagem laxa — porém muito efetiva — do mercado, e contribuindo para a sua construção. Assim, o alcance do biopoder é ampliado, extrapolando as instituições e áreas específicas para se espalhar por todo o corpo social, todos os tempos e espaços, todas as vidas, a vida toda. O suporte ideal para veicular esse controle disperso e total sobre a vida é uma instituição onipresente na contemporaneidade: o **mercado**. (...) Produzir sujeitos **consumidores**, eis o interesse primordial do novo capitalismo pós-industrial de alcance globalizado.” (Sibilia, 2002).

Obviamente o mercado mundial não é um mar de rosas onde todos estão incluídos. E nesse sentido, Deleuze já preconizava. A lógica continua desigual, porém com um adendo: não há dicotomias como centro e periferia. Há vários centros e várias periferias que se inter-relacionam numa tessitura que vai de consumidor a cidadão: “a definição de **consumidor** é mais complexa, particular e estreita que a de **cidadão**: uma grande porcentagem dos cidadãos dos antigos Estados-Nação é sacrificada nessa mutação, condenada a permanecer fora das novas formas de subjetivação.” (Sibilia, 2002). Temas como exclusão e inclusão ganham outros contornos sob o discurso da descentralização, da aparente democratização e aceitação das diferenças; sob, enfim, a couraça dos nichos de mercado.



## Inclusão controlada e business

Segundo a argumentação desenvolvida por Hardt e Negri, o mundo contemporâneo vive um franco declínio da soberania moderna – onde a vida era pautada pela atuação dos Estados-nação – para uma soberania imperial. Enquanto uma é marcada pelas oposições binárias (eu/outro, branco/negro, dominado/dominante) a outra pressupõe um borramento de fronteiras entre dentro e fora. “No mundo imperial, essa dialética da soberania entre ordem civil e a ordem natural chegou ao fim. Este é um sentido preciso em que o mundo contemporâneo é pós-moderno. (...) todos os fenômenos e forças são artificiais, ou como diriam alguns, parte da História. A moderna dialética do dentro e do fora foi substituída por um jogo de graus e intensidades, de hibridismo e artificialidade.” (Hardt e Negri, 2001:207).

O mercado imperial de controle funciona na medida em que faz crer que as diferenças são aceitas, especialmente quando são incorporadas como nichos de mercados: “Ele é contrariado por barreiras e exclusões; e floresce quando inclui mais e mais em sua esfera. O lucro só pode ser gerado pelo contato, pelo compromisso, pelo intercâmbio e pelo comércio.” (Idem:209). Contudo, basta dar uma volta nas esquinas do mundo para enxergar que nem tudo é inclusão no grande Império. Novamente, se está diante da pergunta: o que fazer com os excluídos? A diferença, com relação às dicotomias modernas, é que não se pode falar mais em centro/periferia, mas em centros e periferias numa rede que funciona a partir do controle.

Nesse panorama, o pensamento sobre o racismo ganha outras configurações. Certas práticas tradicionais do racismo – que pressupunham um mecanismo de saber-poder baseado em separações de raças a partir do biológico – certamente diminuiriam (ou mesmo acabaram), mas isso não significa o fim da segregação. Não cabe mais falar de um racismo baseado em diferenças biológicas, mas em diferenças culturais que não são apontadas a priori, mas a partir de um tipo de exclusão. “A hierarquia das diferentes raças é determinada apenas *a posteriori*, como efeito de suas culturas – ou seja, com base em seu desempenho” (Idem:213)

Isso quer dizer que não se trata mais de uma desqualificação por opostos – onde os “anormais” precisam ser excluídos (tal mecanismo está mais próximo de um cenário da sociedade disciplinar). Trata-se de um controle da inclusão, “o racismo imperial, ou o racismo diferenciado, integra outros à sua ordem e então orchestra essas diferenças num sistema de controle” (Ib

---

<sup>5</sup> Conferir, nesse sentido, dissertação de Paula Sibilía (2002). Também sobre a questão da saúde, conferir Vieira Calliman (2002).



idem:214). Todos, em suas diferenças, têm lugar desde que atuem, *controladamente*, em seus papéis. “Um véu de ignorância perpassa a aceitação universal” (Hardt e Negri, 2001:218).

Nossa hipótese, que não será absolutamente confirmada mas apenas lançada, é que dois são os vetores de inclusão controlada do nordestino no esforço político de inserção do Brasil na lógica imperial. O primeiro deles diz respeito ao discurso do exótico e da cultura popular. O imaginário dos discursos sobre o nordeste o constroem como o guardião das manifestações populares; forró, maracatu, frevo... ritmos e danças quando são exaltados como bens diferenciados de consumo<sup>6</sup>.

O outro vetor diz respeito ao migrante-nordestino como o trabalhador essencialmente não qualificado. E não qualificado dentro da lógica do business imperial – tão apregoada no universo do marketing e na inclusão de modelos de gerenciamento, sobretudo os programas japoneses de qualidade total.

A lógica do business impõem um padrão de exigências para um suposto profissional do mundo contemporâneo. Regras e condutas para o bom profissional, que esteja em amplas *condições* para *enfrentar os desafios do século XXI*. Diversos são os livros de marketing e gerenciamento que lotam as prateleiras, não surpreendentemente, rotuladas como auto-ajuda. São conselhos precisos para ser “alguém” dentro do mundo contemporâneo.

“A mão-de-obra torna-se, assim, um ativo a ser nutrido e valorizado enquanto elemento-chave da capacidade competitiva da empresa – ao invés de um custo a ser minimizado” (Humphrey, 1994:149). Com exigências como essas, fica realmente difícil ter lugar para o desnutrido pau-de-arara nordestino.

Tais qualidades, junto com a permanente busca pelo aperfeiçoamento, são as principais recomendações dos programas de qualidade total hoje. São programas inspirados, em sua maioria, nos modelos americanos e japoneses, especialmente desses últimos. Os primeiros desses programas (Os Círculos de Controle de Qualidade - CCQ) são da década de 60, desenvolvidos no Japão como resposta às crises e constantes greves que assolaram as indústrias do país com a robotização. A idéia base é que a integração entre operários e gestores poderiam propiciar discussões visando a busca de soluções para as crises.

---

<sup>6</sup> Quando se lança tal proposta de reflexão, não se quer cair em velhas dicotomias de autêntico e estrangeiro, ou num discurso “preservacionista” da cultura popular. O que se quer é entender a questão numa tentativa de análise dos mecanismos de saber-poder que perpassam algumas *apresentações* dessas manifestações (quando elas estão, por exemplo expressas em documentários). Mas essa reflexão fica para o futuro.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

No Brasil, tal modelo foi primeiro implementado em 1972, mas desenvolveu-se especialmente a partir de 1980 no setor metalúrgico de São Paulo. Embora aparente democratização das relações de trabalho, tal mecanismo já era visto como dispositivo de controle do operariado. Os sindicatos da região de Monlevade, por exemplo, chamavam o programa de “Come, Calado e Quieto”; ao passo que, em 1982, o *Tribuna Metalúrgica* – publicação do Sindicato de São Bernardo e Diadema – dedicava seu número à análise do CCQ na Volkswagen e propunha um boicote. (Hirata, 1983).

Mesmo no Japão, a partir de 89, este modelo entrou em crise, novamente pelas mudanças sociais e nas relações trabalhistas decorridas da informatização nas empresas<sup>7</sup>. Porém, outros modelos de gerenciamento foram sendo desenvolvidos e exportados como *modulações universais* do trabalhador **capacitado** para o futuro.

É preciso pensar como o nordestino, em diversas produções culturais, é apagado dentro desses dois modelos – do exótico e do migrante desqualificado. Tal apagamento é o mecanismo de inclusão controlada, uma das faces do neo-racismo.

## Passageiros (2000)

*Passageiros* é um documentário produzido pela VideoFilmes para integrar uma série denominada “6 HISTÓRIAS BRASILEIRAS”. É possível ver, já aqui, a marca de um dizer sobre o Brasil – retomando o alinhamento do documentário, enquanto gênero tradicional, aos discursos de sobriedade. A obra, realizada no formato vídeo, foi dirigida, em 2000, por Izabel Jaguaribe & Dorrit Harazim e dura aproximadamente 57 minutos.

Nos folhetos oficiais, a sinopse do filme é descrita da seguinte forma: “Registro de uma viagem de ônibus na rota São Paulo – Piauí. O programa colhe histórias de vida e delinea uma imagem dos imigrantes hoje, com suas motivações e estratégias para sobreviver à ilusão.”

A sinopse é justa com a proposta do filme, imagem dos migrantes, motivações e estratégias. Ilusão de que? Ilusão de inserção, de exclusão, de condição? Ilusão talvez do próprio filme em adentrar esse mundo-migrante. Aparentemente *Passageiros* cumpre sua missão, registra histórias de vida. Mas uma análise mais atenta, considerando a materialidade do filme, ou seja, sua forma de significar enquanto filme, mostra os meandros dos mecanismos de saber-poder tão contemporâneos

---

<sup>7</sup> Para análise mais detalhada, conferir entrevista de Satoshi Kamata realizada por Helena Hirata (1991).



permeando todos os seus planos imagéticos e sonoros. O primeiro *apagamento* é percebido quando o filme assume que o “Brasil-migrante” são apenas os nordestinos.

As histórias de vida são apresentadas de forma tão fragmentada – uma montagem em corte seco, passando de uma fala de personagem a outra – que se transformam na verdade em *passagens* de vida. Os personagens não são dados a conhecer realmente e somos, nós espectadores tão passageiros quanto o título. Eles não têm passado ou futuro no desenrolar da narrativa. Sem o *conhecer mais profundo* das histórias de vida, somos levados a desenvolver pelos personagens um sentimento primário – uma qualificação baseada na pena. Não está inscrito nas imagens e sons nada além da couraça mais superficial; de como esses *pobres coitados* se arriscam e se iludem, por não terem outra opção, a *desbravarem* o sul.

“Ave maria, quando cheguei fiquei muito atraente; grudado nos braços dos meus colegas com medo de me perder. Achei muito diferente, ave maria, primeira viagem, com medo de me perder. multidão de gente...”, diz Alex, o primeiro personagem que tem nome no filme. Tal fala acontece depois de dez minutos e o seu dono, Alex, só aparece nessa ocasião. Ele, como tantos outros migrantes que desfilam no filme, não tem passado ou futuro em relação à narrativa.

Toda a tentativa do filme é de colocar os espectadores no lugar dos sujeitos migrantes; e transpor uma sensação do *sacrifício* como sendo o sentimento comum a todos. As histórias (passagens, na verdade) são histórias que podem ser de qualquer migrante. Motivações comuns, estratégias comuns; sobrevivência à ilusão.

Analiso sob tal prisma pois é como contador de histórias de vida que o filme se apresenta, de forma diferente de outros modelos tradicionais de documentários, que articularam o assunto num certo “modelo sociológico” (Bernardet, 1985). Bernardet desenvolve essa idéia a partir da análise do filme *Viramundo* (Geraldo Sarno, 1965), um marco na trajetória do documentário nacional. *Viramundo* também fala de migrantes nordestinos mas o faz num tratamento muito alinhado com as experiências estéticas e teóricas da época – onde estava latente a preocupação com um cinema que seria veículo para a “pedagogia” da consciência política-revolucionária.

É preciso ressaltar a inter-relação com o contexto sócio-político dos artistas e intelectuais nesse período; lembrando por exemplo da experiência do CPC (Centro Popular de Cultura) ligado a UNE (União Nacional dos Estudantes). Nesse contexto fazia sentido o tratamento num modelo sociológico: “A postura sociológica justifica a exterioridade do locutor em relação à experiência.



(...) Os migrantes, de que os entrevistados são a amostragem, são o *objeto* da fala do locutor, que se constitui em *sujeito* detentor do saber.” (Bernardet, 1985:14)

A atitude contemporânea rejeita esse tipo de modelo num esforço de se contrapor a uma postura sociológica com relação ao encontro entre realizador e personagem do documentário. *Passageiros* pretende se contrapor a isso transformando seus personagens em sujeitos, imprimindo as tais “histórias de vida”. Mas é por não radicalizar em sua proposta de ir nas histórias individuais que compõe o “Brasil-migrante” que o filme inscreve fundamentalmente o sentimento de pena e acaba por *apagar* de fato o sujeito migrante. São tantos e tantas as formas que os sujeitos desfilam nos 57 minutos de filme que mal temos tempo de ultrapassar a sensação inicial.

Um recurso muito usado, e que inscreve essa fragmentação, é a sobreposição de som vindo da fala de um personagem com imagens – planos médios, quadros típicos de retratos – de outros rostos. Retratos de outros migrantes que poderiam ser, também, os *donos* daquela voz que conta uma passagem da vida. Mas e o dono efetivo daquela fala, quem é dentro na narrativa, o que poderia ser para além daquela caso contado? Assim se opera a fragmentação na forma do discurso fílmico que transforma o que deveria ser *história* em *passagem*.

A hipótese da inclusão controlada é, de certa forma, confirmada na medida em que o migrante-nordestino aparentemente tem voz, tem autoridade de fala (é ele o personagem, as instituições mostradas no filme existem por ele); porém, está inscrito em sua visibilidade a Pena. São migrantes porque não podem estar inseridos no que é exigido do profissional no mundo contemporâneo. Como trabalhadores qualificados (e consumidores) não têm espaço, só o têm se forem homens subservientes dignos de pena.

Pode parecer uma afirmação muito forte para tão pouca análise, ou pelo menos para uma análise tão particular; é um filme e não toda uma política ou estrutura de relações. Por hora, é isto que será. É preciso ressaltar contudo que um filme nunca é apenas um filme. São ecos de outras imagens e sons, de outras relações e correlações. Walter Benjamin pergunta: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” (1994:223).

Uma seqüência do filme é extremamente significativa na inscrição do sentimento de pena, e por isso ela será mais ressaltada na breve análise desenvolvida no presente artigo. Passados 20 minutos de filme, vemos a rodoviária de São Paulo. Uma voz over nos informa do serviço social escondido no subsolo onde atuam os voluntários da Pastoral do Migrante. Um personagem é apresentado, ele não tem passado e não terá futuro dentro da narrativa; não havia sido mostrado



antes. Não sabemos seu nome e nem saberemos. A assistente social fala com ele como quem fala com uma criança. Esta é uma das seqüências de maior duração do filme.

As imagens acompanham o sujeito da rodoviária até o alojamento da Pastoral, sempre em plano de meio conjunto evidenciando sua relação com os espaços – uma relação de estranhamento. O homem vai andando, não sabe ler, um voluntário o leva até a entrada do metrô. No interior do metrô estamos juntos, transeuntes e câmera, a observar esse estranho no ninho. Até que ele olha para a câmera e pergunta: onde é a saída? A pergunta está, em última instância, dirigida a nós que somos colocados na posição de “dar ajuda”. Uma música, dedilhada de piano, começa a soar ao fundo numa filiação ao código mais primário do melodrama. Nosso personagem encontra o albergue. A música segue assim como a câmera que nos coloca assistindo ao tratamento dispensado – um tratamento de imbecilização do personagem. Depois do banho, penteado e limpo, o sujeito finalmente fala para as câmeras: “vou procurar um serviço. Estou a seis mês aqui na Rua”. É o fim da seqüência, a trilha continua ao fundo e há um corte para a imagem do ônibus e de outros retratos de outros migrantes.

É o fim da participação desse sujeito. Fica a pergunta: qual a função narrativa dessa seqüência? Parece uma seqüência deslocada de tudo, a não ser da função de inscrever com força o sentimento da piedade. Pois ao cabo, ela nem mostra exatamente o trabalho da instituição da Pastoral ou as outras possíveis estratégias do personagem. Ela quer apenas que tenhamos a ilusão de saber o que é ser analfabeto, sem trabalho, perdido na “selva de pedra” e dependente da ajuda dos outros.

Outra seqüência interessante a ser comentada é a que apresenta a figura do migrante globalizado, classificado pela voz over como “jovem, empreendedor que modifica a paisagem local”. Este personagem – exemplar único no filme – fala em abrir uma academia de artes marciais no Piauí. Imediatamente, há um corte na imagem para a figura de um senhor idoso, de chapéu amarrotado. Um senhor que certamente está enquadrado como a “paisagem local”. Como não pensar que esta montagem é um comentário irônico frente às idéias empreendedoras do migrante globalizado?

Notas Finais



A breve análise proposta no artigo deixa alguns buracos que provavelmente não serão selados nunca, pois o filme abre um sem número de possibilidades de interpretação. A tentativa aqui foi desvelar os mecanismos contemporâneos de poder atuando no discurso do documentário. É preciso perceber um duplo movimento nos discursos contemporâneos sobre o nordeste – do qual *Passageiros* faz parte – que ao mesmo tempo que é constituído por um certo imaginário também articula a construção da idéia contemporânea de nordeste. Discurso então que deve ser entendido como efeito-instrumento dos mecanismos de poder no contemporâneo.

“Essa postura dialógica se manifesta na maneira como aparecem, no filme as representações, os valores, as crenças presentes na sociedade.”, escreve Ismail Xavier (2001) afirmando a perspectiva de um imaginário construtor de mundos. Tal como qualquer produção humana, é possível perceber a atuação – como adesão ou resistência – dos mecanismos do biopoder e cuidar de desvelar isto é a postura política atual.

É preciso que se diga ainda que a análise feita não pressupõe um juízo de valor com relação ao filme. Não se está entrando no mérito das qualidades técnicas de produção e realização. Desvelar os mecanismos contemporâneos de poder atuantes não é atribuir uma responsabilidade aos seus autores. É importante lembrar o pressuposto do que se entende por mecanismo de poder – invocando mais uma vez a não subjetividade do poder. Os autores não são apenas indivíduos, mas são sujeitos imersos, e sem dúvida afetados, nas relações de (bio)poder.

## Bibliografia

ANJOS, Moacir dos – *Desmanche de Bordas. Notas sobre identidade cultural no Nordeste do Brasil.*

In. Buarque de Hollanda, Heloisa e Resende, Beatriz (orgs.) – **Arte Latina. Rio de Janeiro**, Aeroplano Editora, 2000.

BENJAMIN, Walter – *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERNARDET, Jean Claude – *Cineastas e imagens do povo.* São Paulo, Brasiliense, 1985.

DAVID, C. , Rolnik, S, PELBART, P. P. et alli - *Resistência/Criação. Oficina Aberta. Apostila. II Fórum Social Mundial. (mimeo)* Porto Alegre, 2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

DELEUZE, Gilles – *Conversações. 1972-1990*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel e DELEUZE, Gilles – *Intellectuals and Power*. In. Ferguson, Russel et alli. (orgs) – **Discourses conversations in Post Modern Art and Culture**. Nova Iorque, The New Museum of Contemporary Art, 1993 (Entrevista realizada em Março de 1972).

FOUCAULT, Michel – *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. – *História da Sexualidade I. A Vontade do Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. – *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. – *A Ordem do Discurso*, São Paulo, Edições Loyola, 2000.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio – *Império*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

HARDT, Michael – *Sociedade Mundial de Controle*. In. Alliez, E. – **Gilles Deleuze: Uma vida filosófica**. São Paulo, Editora 34, 2000.

HIRATA, Helena – *Outro lado do modelo japonês. Entrevista com Satoshi Kamata*. Novos Estudos, Cebrap, número 29. São Paulo, março, 1991.

\_\_\_\_\_. *Receitas japonesas, realidade brasileira*. Novos Estudos, Cebrap, Volume 2, número 2. São Paulo, julho, 1983.

HUMPHREY, John – *O Impacto das técnicas japonesas de administração na Indústria Brasileira*. Novos Estudos, Cebrap, número 38. São Paulo, março, 1994.

MACHADO, Roberto – *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro, Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. - *Por uma genealogia do Poder. Introdução*. In. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

NICHOLS, Bill – *Representing Reality*. Bloomington , Indianapolis, Indiana University Press, 1991.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SIBILIA, Paula - *O homem pós-orgânico. A reformatação dos corpos e das almas à luz da alquimia digital*. Rio de Janeiro, Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação, 2002. (Dissertação de Mestrado).

VELLOSO, Mônica Pimenta – *A “cidade-voyeur”: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas...* Revista Rio de Janeiro, volume 1, número 4. Niterói, setembro/dezembro, 1986.

VIEIRA CALLIMAN, Luciana – *Dominando corpos, conduzindo ações: genealogias do biopoder em Foucault*. Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social/UERJ, 2002. (Dissertação de Mestrado).

XAVIER, Ismail – *O cinema brasileiro moderno*. São Paulo, Paz e Terra, 2001